

O HUMOR NA TIRINHA “HAGAR, O HORRÍVEL”: UMA ANÁLISE MULTIMODAL

Autores: ADRIANA ALVES CRUZ;

Introdução

A leitura é uma atividade fundamental para o indivíduo em seu processo de escolarização e aprendizagem. Entretanto, os resultados têm sido preocupantes, visto que os discentes não têm apresentado proficiência em compreender e interpretar textos. Nesse sentido, testemunha-se uma conjuntura indecorosa, que, sem timidez, salta aos nossos olhos. Assim, este trabalho, parte de uma pesquisa empreendida no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), busca desenvolver e aplicar atividades de intervenção, fornecendo estratégias para que o aluno tenha subsídios necessários à compreensão de tirinhas, em especial a de “Hagar, o horrível”. Justifica-se a pesquisa empreendida na necessidade de a escola trabalhar com textos multissemióticos, nos quais o aluno perceba uma linguagem verbo-visual. De fato, com a profusão de variados recursos gráficos e visuais a serviço da construção textual, a leitura não pode se prender a apenas um signo, sob o grande risco de se fazer uma análise superficial ou errada do texto. Por outro lado, o problema abrange, ainda, o entendimento limitado em torno do significado da palavra “humor”. Isso porque os alunos associam tal fenômeno somente ao que é risível. Desse modo, partem do pressuposto de que, se não “acharam graça”, não entenderam a esfera humorística do texto ou ela não existe. Na verdade, para deflagrar o humor, o texto não precisa necessariamente ser engraçado, uma vez que o aspecto humorístico se produz, também, por meio de componentes como a quebra de expectativa, a ironia e a crítica. Aventa-se a hipótese de que a dificuldade em compreender a comicidade em tirinhas não se deve à apatia ou ao desinteresse dos discentes, e, sim, a uma metodologia superficial no estudo do gênero em questão. Para tanto, valemo-nos do enquadramento teórico da Gramática Sistêmico-Funcional, nos termos do britânico Halliday (2004), em interlocução com a Gramática do Design Visual (Kress; van Leeuwen, 2006), nas quais evidenciamos a validade de uma simbiose entre o plano verbal e o visual para o entendimento da mensagem veiculada nas tirinhas.

Material e métodos

Fundamentando-se nas diretrizes do PROFLETRAS, a pesquisa em questão, quanto à abordagem, é uma pesquisa qualitativa, visto que o pesquisador se põe a analisar e interpretar um problema que atinge não só o aluno, como o próprio autor da pesquisa. Além disso, envolve uma atividade reflexiva, que permeia todo o processo, cujo fim não é necessariamente tornar-se um documento irrefutável, mas um estudo com credibilidade e catalisador de ações e atitudes mais produtivas para o processo de formação leitora do aluno. Em consonância com a abordagem selecionada, o trabalho segue procedimentos firmados em uma ampla pesquisa bibliográfica, com vistas a direcionar o raciocínio, que, por sua vez, é dialético e indutivo, visto que se vale do diálogo com o contexto sociocultural e da argumentação para se chegar a um parecer. Ela é, também, interventiva (pesquisa-ação), já que delinea “o que precisa ser feito (ou transformado) para realizar a solução de um determinado problema” (THIOLLENT, 1986, p. 70).

Ciente disso e, partindo dos resultados obtidos em uma avaliação diagnóstica no 9º X da Escola Estadual Francisco Lopes da Silva, por meio da qual se constatou que mais de 70% da turma não conseguiram interpretar corretamente questões envolvendo tirinhas de saga Hagar, o horrível, torna-se emergencial desenvolver instrumentos de intervenção, com vistas a amenizar os problemas detectados. O projeto de intervenção, ainda a ser aplicado, usará da sequência didática para apresentar, em etapas, informações indispensáveis à análise do gênero tirinhas.

Nesse processo, recorrer-se-á à análise de uma tirinha, interpretando-a sob o bojo das teorias que norteiam este trabalho. Ou seja, o texto selecionado funciona como bastão para estudar **outras composições do humor** (não só o que é engraçado, mas também a crítica, a ironia e a quebra de expectativa), a Gramática Sistêmico-Funcional, mais precisamente a **função textual**, a qual está firmada na necessidade de o texto fazer sentido, assim a forma como se organiza a mensagem interfere no sentido que se produz; a **função interpessoal**, que se manifesta na interação entre os interlocutores, isto é, usa-se a linguagem como instrumento para agir mutuamente com os outros; e a **função ideacional**. Para se relacionar às experiências de vida, a forma como o sujeito se posiciona no mundo, serve para representar o ambiente, interno ou externo, do falante, permitindo interpretar e organizar as experiências. A propósito, Halliday (2004) insere na linguagem a dinâmica da transitividade, a qual denomina



Além disso, percorrer-se-á o universo da saga Hagar, o horrível, à luz de suas especificidades e do que se concebe como posturas peculiares do povo viking e de seu sistema trabalhista. Por fim, com o fito de compreender as composições textuais da modernidade, ater-se-á à Gramática do Design Visual, esculpida por Kress e van Leeuwen. Tais autores atestam o valor da multissemiose para a leitura de um texto. Na verdade, enquanto Halliday se debruça sobre a linguagem verbal (entender que ele não nega a multissemiose dentro do texto), Kress e van Leeuwen reivindicam uma maior atenção à imagem e seus recursos (gestos, cores, sombreamento, sons, hiperlinks, tamanho da fonte, posição espacial dos personagens). Não negam a perspectiva funcional da linguagem, eles as reestruturam e fazem uma representação delas: a ideacional ganha correspondência com a **representacional** (diz respeito à representação da imagem dentro de um determinado contexto, temporal, espacial ou cultural); a interpessoal é traduzida pela **interativa** (processa-se na relação entre os participantes, indicando o a conexão, o contato, a proximidade ou o distanciamento entre os envolvidos dentro dos limites traçados pela imagem); e a textual reveste-se na **composicional** (é a organização do texto visual, qual seja, os arranjos que compõem a construção da imagem).

Em função da nossa proposta, exploraremos, no referente à linguagem verbal, a metafunção ideacional, especificamente o processo material, o mental e o relacional no sistema de transitividade apresentado por Halliday, e, na análise do visual, as funções representacional e composicional trabalhadas por Kres e van Leeuwen. Na função representacional, concentramo-nos nos processos narrativos (exclusivamente o reacional). E na composicional, nosso foco é a saliência.

Resultados e discussão

Apresenta-se a seguir um esboço interpretativo da tirinha seguindo os paradigmas apresentados anteriormente. Vale mencionar que é uma abordagem que oferece ao discente maior capacidade para analisar gêneros como as tirinhas, as quais são revestidas de uma linguagem híbrida, que articula o verbal e o imagético na construção do texto e de sua semântica. É, pois, uma didática que permite uma análise profícua e acertada. A par dessas informações, segue a tirinha.

Figura 01

Hagar e Ed Sortudo estão em um espaço recorrente na saga, uma taberna. Identifica-se o lugar por meio do copo de cerveja, uma bebida muito apreciada pelos vikings. Na verdade, os povos escandinavos eram consumidores em potencial de bebidas alcoólicas. Os amigos estão em uma situação trivial, quando Hagar tem a ideia de adivinhar os pensamentos de Ed Sortudo, que, calado, está envolto na própria imaginação e alheio à presença do companheiro de conversas e batalhas. Chega-se a essa percepção devido ao semblante do personagem e à mão em baixo do queixo, uma representação de quem está absorto nos próprios pensamentos. Porém, no último quadrinho, o que aparece é Hagar dizendo “deixa pra lá!” e um balão sem qualquer palavra ou imagem, metáfora da mente vazia de Ed Sortudo, um personagem pitoresco, caracterizado pela falta de inteligência. A fala do marido de Helga sugere ser impossível adivinhar os pensamentos de alguém que não pensa. Não se nota um desapontamento ou estranhamento, mas uma postura de conformidade de quem já está acostumado com isso.

O semblante e as mãos de Ed Sortudo assinalam que ele não está entendendo por que Hagar está desistindo de sua determinação mostrada no balão anterior: “um centavo pelos seus pensamentos”, mais uma evidência de que Ed Sortudo não pensa, nem raciocina. O humor está na ironia com que o protagonista trata o jeito boçal do amigo de todas as horas. Pode-se dizer que há, ainda, a quebra de expectativa, já que o leitor espera que Ed Sortudo esteja pensando em algo importante e que Hagar, pelo menos, faça conjecturas do que faz parte desses pensamentos.

A respeito dos elementos verbais, o processo material, que revela ações, aparece em “deixa pra lá!”. O verbo “deixa” é o processo da ação, que é influenciado pelo mundo exterior (a estupidez de Ed Sortudo), embora esteja no não dito. Já o mental e o relacional não ocorrem.

Quanto à multimodalidade, fica claro que o hibridismo da linguagem é substancial na construção do texto e do humor. Na seara do visual, no caso a representação narrativa, vê-se uma ação transacional, porquanto há mais de um participante (Hagar e o amigo Ed Sortudo), e o vetor ocorre nas ações de “um centavo pelos seus pensamentos”, chamando a atenção de seu interlocutor. Além disso, quanto ao processo reacional, o olhar dos personagens concentra um no outro, no diálogo que se opera entre os dois, desse modo é transacional. Temos dois tipos de balão: o primeiro indica uma fala, é um processo verbal, e o segundo denota um pensamento, é um processo mental. É importante atentar para a formatação com a qual cada um é desenhado. Se aparece uma linha simples, oval ou retangular, com ponta direcional simples, tem-se um balão de fala. Se vem com linhas em forma de nuvem, com bolinhas abaixo da ponta direcional, é um balão de pensamento.



No que diz respeito à representação composicional, por exemplo a saliência, a qual pode revelar estratégias empregadas para realçar alguns elementos da imagem, nota-se que ela marca dois momentos de Hagar: motivado a descobrir em que Ed Sortudo está pensando, primeiro momento, e desânimo em continuar prosseguindo na tentativa de adivinhar os pensamentos do amigo. Ademais, também anuncia o lado beberrão do protagonista, ao mostrar um copo transbordando de bebida. De outro modo, é a saliência responsável por denunciar visualmente o semblante de Ed Sortudo em duas situações: quando está concentrado em seus próprios pensamentos, no primeiro quadro, e o desapontamento e a incompreensão no último quadro, por não entender o motivo de o companheiro desistir tão facilmente da empreitada a que se lançou anteriormente.

Considerações finais

Apoiados na Gramática Sistêmico-Funcional e na Gramática do Design Visual, verificamos a importância dos signos verbais e imagéticos para desembocar no efeito humorístico da narrativa. Indiscutivelmente, apenas os elementos verbais não seriam suficientes para produzir o resultado alcançado, daí que o olhar do leitor não pode se voltar apenas para um signo. Uma didática que preze por trabalhar a hibridização da linguagem dá ensejo a um melhor desempenho na compreensão e interpretação de textos, visto que permite aos alunos (re)conhecer diversos artifícios de construção textual e fazer a leitura de variados gêneros, preparando-o para a competência leitora, não só exigida pela modernidade, mas também indispensável para a formação cidadã dos discentes.

Na verdade, a pesquisa ainda está em processo. Ao final, esperamos, com as atividades de intervenção, que os alunos pesquisados sejam capazes de perceber o humor no gênero tirinhas, de forma que atentem para todas as marcas, linguísticas e extralinguísticas, que fazem parte do gênero supracitado. Em suma, pretende-se ressignificar o trabalho de leitura em sala de aula, revertendo os embargos detectados e majorando as práticas de letramento dos alunos.

Agradecimentos

Agradecemos à CAPES, pelo apoio financeiro, ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), à Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e à Escola Estadual Francisco Lopes da Silva.

Referências

BROWNE, DICK. **O melhor de Hagar, o Horrível**. V. 1. Porto Alegre: L&P, 2002.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 2004.

KRESS, *Gunther*. VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design**. London; New York: Routledge, 2006.

NICOLAU, Marcos. **As tiras e outros gêneros jornalísticos: uma análise comparativa**. Fonte: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Marcos%20Nicolau.pdf. Acesso em: 26 de abr. 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1986.